

## **Entre a escola e o trabalho: Ensino Médio noturno na cidade de Ituiutaba**

<sup>1</sup> Bruno Taumaturgo Bandeira; <sup>1</sup> Maria Angélica da Costa Silva; <sup>1</sup> Eduardo Giavara

<sup>1</sup> Departamento de História – Universidade Federal de Uberlândia/FACIP

E-mail: [giavara@pontal.ufu.br](mailto:giavara@pontal.ufu.br)

### **Resumo**

Este artigo nasceu de uma pesquisa realizada com estudantes do Ensino Médio noturno em uma das escolas que mantém o maior número de alunos nesse nível na cidade de Ituiutaba/MG. Indagando sobre a realidade atual do Ensino Médio no período noturno, dispusemo-nos a problematizar a relação entre este ensino com os diversos agentes envolvidos. Partindo da hipótese de que a maior parte do público escolar desse turno é constituído por estudantes trabalhadores, ocorre, em primeiro momento, um aparente desafio ao cumprimento dos objetivos gerais pela especificidade do Ensino Médio no período da noite, pelo perfil que delineia as práticas cotidianas na escola, demarcadas principalmente pela presença do trabalho. Apoiados nesse convívio social em que os alunos, após uma jornada de trabalho, encontram com os demais colegas e professores que também trazem para a sala de aula os encargos do dia-dia, direcionamo-nos para a busca de dados com o atributo de observar o Ensino Médio noturno, nas perspectivas e nas vivências dos alunos, tal qual sua relação com o conhecimento e suas expectativas profissionais.

*Palavras-chave:* Ensino noturno; Ensino Médio; Trabalho.

### **Abstract**

This article was created based in a study conducted with high school students at a night course that keeps the largest number of students at this level in the city of Ituiutaba / MG. Asking about the reality of high school at night, we propose to analyze the relationship between this teaching and the various agents involved. Assuming that most part of students in this period consists of workers, there is an apparent challenge to achieve the overall objectives as for the specificity of high school at night, as for the profile that outlines the everyday practices in school. Supported in this social interaction which students, after a day's work, meet classmates and teachers who also bring to the classroom the burdens of day to day, we orientate ourselves to search for data in role to observe High School at night, the students perspectives and experiences such as their relationship with knowledge and career prospects.

Key-words: Education, Night Teaching, Work and Curriculum.

### **1. Introdução**

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada entre os anos de 2008 a 2010, como atividade de extensão da disciplina Projeto de Pesquisa e Prática Educacional (PIPE), em que deveríamos observar o ensino em suas aplicações. Escolhemos trabalhar com o ensino noturno para demonstrar que, desde a sua expansão - nos anos 1950 – sofreu mudanças, tanto no perfil dos alunos, quanto na forma de ministrar os conteúdos nas escolas. Entre os autores estudados, destacamos uma pesquisa desenvolvida nos anos de 1978 e 1979, pela Professora Célia Pezzolo de Carvalho<sup>1</sup>, com alunos de escolas noturnas de São Paulo. Tal pesquisa norteou a metodologia, os quesitos históricos, bem como a caracterização da época e a comparação das diferenças com a realidade presente.

A instituição escolhida para nossa pesquisa foi uma escola da rede estadual da cidade de Ituiutaba/MG, que, por configurar-se um referencial de ensino nas escolas da cidade e por

concentrar um grande número de alunos no EM do período noturno com uma faixa etária entre 19 e 25 anos, atende às exigências a que nos propomos.

Verificamos que tais alunos optam pelo período noturno, por motivos de trabalho, em sua grande maioria, o que direcionou o estudo para a relação, mais comum no período noturno, existente entre o trabalho e a escola. Assim, decidimos que o item principal de observação seria o Ensino Médio noturno e a pesquisa buscou validar a hipótese do trabalho profissional entre os estudantes desse período, entendendo-a como alternativa para aqueles estudantes que buscaram fora dos limites escolares o trabalho assalariado. O objetivo foi compreender como a dinâmica paralela entre a escola e o trabalho funda-se na vida desses indivíduos e quais os motivos que provocam a inserção no trabalho ainda durante o período escolar.

A escolarização no período noturno foi expandida no Brasil a partir da década de 1950<sup>2</sup> devido a uma necessidade mercadológica, pois os trabalhadores que possuíam uma baixa escolaridade necessitavam de aprimoramento intelectual para manter-se no mercado de trabalho ou com a finalidade de conciliar a sobrevivência e a vontade de estudar. Desse modo, segundo Pezzolo:

A descoberta da escola como meio de ascensão social aumentando a procura por ingresso em escolas de nível médio, a industrialização crescente e o interesse de políticos que se utilizaram da reivindicação educacional como forma de atrair a clientela eleitoral, foram alguns dos fatores que tornaram o ambiente propício à multiplicação dos ginásios que se acelerou na década de 50. (PEZZOLO, 1989, p.24)

Desde então, existem muitos alunos-trabalhadores no Brasil em diferentes faixas etárias e modalidades de ensino, seja no ensino regular ou nos programas de aceleração do aprendizado ou

---

<sup>2</sup> CARVALHO, 1989, p. 24

supletivos. Neles, é possível identificar as mesmas aspirações e, ao mesmo tempo, as peculiaridades envolvidas na condição democrática de ensino.

Mesmo observando uma realidade cronologicamente distante, é possível verificar que a quantidade de jovens que optam por trabalhar e estudar ao mesmo tempo é cada vez maior. Sendo assim, surgiu a proposta de descobrir se os motivos que levaram os jovens das últimas décadas a manter uma dupla jornada são os mesmos de algumas décadas atrás. A resposta foi intrigante, pois referente ao momento por nós estudado, verificamos que em uma boa parte dos estudantes não há uma necessidade extrema de trabalhar, sendo esta uma opção que momentaneamente oferece algumas vantagens. O trabalho ainda permeia o cotidiano dos estudantes, mas a grande diferença reside nos objetivos gerais de se adquirir uma renda. Se durante algum tempo houve a necessidade de estudar e trabalhar, como forma de crescimento pessoal e contribuição ao lar, presencia-se hoje uma substituição para desígnios pessoais, a inserção num mercado consumidor que, se antes não era verificada por outros objetivos da conquista da renda, hoje possivelmente motiva a busca do trabalho.

Devido a essa necessidade de se conciliar a renda e a formação, os jovens ingressam no mercado de trabalho em atividades terciárias que exigem pouca experiência e, em consequência, oferecem baixa remuneração. Assim, o tempo que deveria ser dedicado aos estudos e às atividades que garantissem um melhor posicionamento no mercado de trabalho é ocupado por até quarenta e oito horas semanais, o que prejudica o aprendizado, além de se aliar a outros fatores que o tornam ainda mais deficiente, ocasionando um círculo vicioso em que o estudante não se qualifica suficientemente, permanecendo no mesmo estágio sem uma condição que lhe permita ser competitivo no mercado de trabalho. Assim, Pezzolo afirma:

Discutidas e utilizadas como fundamento de vários estudos brasileiros na área a educação, as análises de Bordieu, Passeron, Baudelot e Establet procuram mostrar que o objetivo da democratização do ensino, tão difundido nas últimas décadas

pelos discursos governamentais, pela legislação de ensino e pelos meios de comunicação, não foi atingido, embora continue a ser a apresentado como fundamental. Nos estudos de Bordieu e Passeron, transparece a idéia de que a reprodução das classes sociais se dá quase que mecanicamente através da escola, mas influenciada pelo —capital culturalll que o aluno trás de sua família, criando um *habitus* próprio de sua classe social que a escola se encarregará de reproduzir inevitavelmente. A teoria da violência simbólica, que funda tais análises, explica a arbitrariedade da ação pedagógica que impõe conteúdos previamente selecionados. (PEZZOLO, 1989, p.14)

Mesmo discutido há tantas décadas, o ensino noturno ainda enfrenta problemas semelhantes, alunos e professores delatam a má qualidade do aprendizado devido à falta de tempo, de apoio pedagógico, de ânimo dos alunos para acompanhar as aulas, entre outros que influenciam a experiência escolar negativamente.

Segundo um estudo de Sandra Zákia Souza e Romualdo Portela de Oliveira, de 2003, sobre as escolas<sup>3</sup> que ofereciam ensino médio noturno no Brasil, podemos chegar à conclusão de que o trabalho e escola noturna estão intimamente imbricados:

Entre as diferenciações que se evidenciaram acerca da clientela do ensino noturno, a primeira delas é percebida entre os alunos que têm no estudo sua principal atividade/responsabilidade e aqueles que, antes de serem estudantes, são trabalhadores ou buscam, de imediato, ingressar no mercado de trabalho. Dessa diferenciação, não deveria decorrer qualquer interpretação que indique uma valorização diferente, por parte dos alunos, da escolarização, mas sim especificidades nas relações estabelecidas com a escola. (Educar: UFPR, n° 30, Curitiba, 2008, p. 55)

Entretanto, não há um suporte efetivo por parte da escola para que os alunos permaneçam ou aproveitem, da melhor forma possível, o aprendizado. Observamos, nas entrevistas e questionários aplicados nas classes, que a escola serve não somente como fonte de conhecimentos, em geral, mas também como meio de socialização e, frequentemente, de descanso das rotinas de trabalho dos alunos.

### **Metodologia**

A pesquisa realizada na Escola Estadual “Israel Pinheiro”, nos anos de 2008 a 2010, possibilitou não somente o contato com alunos e professores, mas também a observação dos suportes que a escola oferece: a divisão por classes, o acesso à biblioteca, o comportamento dos alunos e o funcionamento da instituição.

Ao longo de dois semestres foram aplicados questionários aos alunos, com perguntas simples e objetivas, em suas respectivas classes, de forma que eles respondessem de maneira clara e informal, reservando um espaço para qualquer comentário. Não solicitamos a identificação pessoal, selecionando apenas as séries, para que eles tivessem maior segurança ao responder às perguntas. Os resultados surpreendem pela quantidade de observações que podem ser feitas, desde o momento de acompanhamento do preenchimento das resposta até a análise das mesmas.

Realizamos entrevistas com alunos de diferentes classes, com professores e com a orientadora pedagógica da escola. Foram propostas cinco questões que buscavam saber há quanto tempo os alunos estudavam à noite, qual a finalidade da escolha do turno, a atividade profissional ou extracurricular que exerciam, sobre a qualidade do ensino e a carga horária que as atividades profissionais ou profissionalizantes ocupavam semanalmente.

---

<sup>3</sup> Estudo feito nos estados de MG, MS, PA, PB, RN, RS, SC e SP.

Se por um lado os silêncios dos questionários colocam imprecisões, por outro as entrevistas elucidaram carências, desilusões com questões referentes ao saber e dificuldades evidenciadas também nos momentos de aplicação dos questionários.

O diálogo com a escola fez-se por esses procedimentos: entrevistas e questionários. Como indivíduos que em tais processos interagiam, às vezes despreziosamente, com o meio, vimos que a presença na escola fora de extrema importância. A observação de casos, pequenos diálogos e até mesmo os momentos de espera ocasionados pela velocidade e quantidade de tarefas desempenhadas pela administração, possibilitou compreender e fazer novas questões que não surgiriam somente com a observação das respostas dos alunos e da fala dos professores.

### **O tempo de trabalho**

Tomando como base os alunos que frequentam o ensino nas séries de terceiro ano, devido ao fato de trabalharem há mais tempo, observamos que mais de 70% deles e do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) estudam à noite há mais de dois anos, enunciando motivos de trabalho, o que demonstra que estes alunos estão no mercado de trabalho desde o início do ensino médio, ou, no caso daqueles que frequentam o EJA, concluem seus estudos devido à escolha feita anteriormente, que implicava o abandono da escola em prol do emprego, mas que nas atuais circunstâncias, em que é necessária uma melhor qualificação, retornando aos bancos escolares em busca de uma solução rápida para suas pendências. Não há nenhum motivo em função do aprimoramento intelectual, mas ocorre, por outro lado, uma etapa que é necessária para se alcançar o objetivo profissional, ou mesmo não é cogitado num futuro distante em que se planeja uma carreira de nível superior. O que se verifica são respostas claras referentes a um “futuro bom” e melhorias de vida, mas são ausentes quaisquer estratégias, planos e construção de um presente para a obtenção desse momento.

Devem ser incluídos também, além dos alunos prestadores de serviços, aqueles de nível profissional técnico atuante na indústria ou em atividades profissionais que exigem determinada qualificação aliada à conclusão do ensino médio como um padrão de qualificação adotado pela empresa contratante. Entre as atividades especificadas pelos estudantes estão inclusos cursos profissionalizantes, sobretudo nas classes de primeiro e segundo anos, em que, mesmo não trabalhando ainda, os alunos têm a pretensão de fazê-lo em breve. Estes somam em média 16%, sendo que alguns, além de frequentar cursos, trabalham na área ou atuam em estágios.

Por fim, é impressionante a quantidade de indivíduos que não especificaram motivos maiores para estudar à noite. Em uma das entrevistas com o aluno Douglas<sup>4</sup>, do primeiro ano do ensino médio, ele afirmou que:

Estudo há dois anos, pois iniciei os estudos visando ingressar no mercado de trabalho, começando a trabalhar a partir da segunda metade do ano. Permaneci empregado por alguns meses, trabalhando seis horas por dia, de segunda a sábado, durante o turno da manhã até o ano seguinte, quando fui demitido. Continuei optando pelo ensino noturno, pois achei que seria melhor permanecer no ritmo a que estava acostumado, mesmo trabalhando atualmente como músico nos finais de semana, por aproximadamente 4 horas diárias

Sob as mesmas condições e escolhas e perspectivas estão muitos colegas dele. Além disso, há evidências que foram ressaltadas pela fala de Douglas:

Na sala, a maioria trabalha, mas há aqueles que preferem estudar à noite por acharem mais fácil. Geralmente esses colegas trabalham no comércio, como vendedores ou entregadores. Conheci também um que trabalhava em uma

churrascaria e um que era mecânico, mas este desistiu logo dos estudos. O índice de evasão escolar é muito grande, principalmente quando retornamos das férias. Minha sala no ano passado começou com quarenta e no final do ano tinha de trinta pra menos... Na sexta-feira também não comparecem muitos alunos.

Além dos tipos e atividades que os alunos exercem, a evasão é sempre presente no cotidiano escolar, sobretudo nas classes em que há muitos estudantes-trabalhadores e em salas com grande lotação.

Ao voltar do recesso entre o primeiro e o segundo semestres é notável a redução na quantidade de alunos por sala. Segundo a aluna Carla<sup>5</sup>:

À noite, minha sala tem 56 alunos. Tem dias em que não dá nem para andar! Porém, tem muitos faltantes e desistentes, por isso a escola não dividiu as turmas. Agora só tem 40, mas ainda assim é difícil para a professora explicar a matéria e para nós compreendermos. Também o cansaço não ajuda, já vamos pensando na hora de voltar para casa. Além disso, faltam muitos professores, direto os horários são remanejados e saímos mais cedo. Na sexta-feira não vai ninguém...

Antes mesmo do término do semestre já se apresentam as desistências, além da superlotação das salas que foram dispostas com um maior número alunos, pois já se esperava que ocorresse a evasão antes do término do semestre. A Orientadora pedagógica<sup>6</sup> afirmou que: “No momento há uma turma de 3º ano e uma de 2º ano do ensino médio, ambas com 50 alunos cada uma aproximadamente. A direção não quis dividi-las em duas turmas cada série devido ao alto índice de evasão escolar. A última greve também foi causadora da redução de contingente.”

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 15/06/2010, o nome do aluno, bem como dos demais, foi alterado para preservar sua identidade, assim como foram feitas adaptações da fala durante a transcrição.

<sup>5</sup> Esta aluna foi entrevistada no dia 15/16/2010..

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 15/06/2010.

Devido aos percalços do dia-a-dia, não há um incentivo por parte da escola para que seja facilitado o aprendizado ou para que os alunos permaneçam até completarem seus estudos. Através das entrevistas foram relatadas as condições em que se encontra o ensino noturno não somente naquela escola, mas também em muitas outras.

## **A qualidade**

De acordo com a lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, no artigo 1º, § 2º, Afirma-se que:

—A educação deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social;

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (...)

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando; (...)

VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

Sendo assim, o direito à educação de qualidade e o acesso a ela são direitos de todos, independente de qualquer condição. Entretanto, observa-se que não há essa equivalência nas modalidades ofertadas, pois a escola não possui apoio suficiente para oferecer condições adequadas que rezem pela permanência destes alunos até o término dos estudos. Além disso, pela própria condição de alunos-trabalhadores, é difícil mantê-los na escola e apresentar um bom rendimento, o que aponta um grande paradoxo, pois os professores, ao exigirem demasiadamente dos alunos,

acabam afugentando-os e, caso não o façam, deixam de garantir a boa qualidade do ensino e do aprendizado.

Segundo a orientadora pedagógica, há uma adequação dos métodos de ensino às condições dos alunos, pois devido à redução dos horários de aula e à frequência inconstante, precisam ser tomadas algumas medidas para que não se prejudique o aprendizado do aluno:

(...) A partir da clientela de alunos, pois a carga horária exigida pelos parâmetros curriculares é a mesma. Nós a executamos, porém, de forma diferente. À noite são aplicadas atividades complementares em maior quantidade: são 666,4 horas efetivas e 133,20 horas complementares em trabalhos extraclasse, obrigatórios, totalizando 800 horas por ano.

Observa-se que há uma adequação à condição do aluno, mas não a suprir, efetivamente, suas necessidades, pois o ensino continua condensado, na medida em que trabalhos e exercícios não substituem horas em sala, onde o aluno pode esclarecer dúvidas e obter conhecimentos mediante o acompanhamento do professor. De acordo com a pesquisa feita por Souza e Oliveira:

De qualquer modo, a escola, para todos os alunos, parece constituir, para além de um espaço de ensino, um espaço cultural e social. Na maioria das vezes, é o único e/ou principal espaço público de acesso à informação e à cultura sistematizada. As informações registradas de mais de 8 mil alunos do Ensino Médio, ouvidos pela pesquisa, evidenciam o estado de isolamento cultural em que vive a maioria, cumprindo a escola, mesmo com suas precariedades, importante papel formativo (Souza; Oliveira, 2003, p.57).

É perceptível que a importância da escola vai muito além de apenas suprir um conhecimento técnico ou propedêutico. Muitos não têm incentivos à leitura ou ao hábito de estudar em casa, o que dificulta ainda mais a relação entre formação e informação, sendo o tempo dedicado à sala de aula um momento a ser aproveitado plenamente.

## **Conclusão**

A linha abissal que se ergue entre o conhecimento e o cotidiano, ou seja, entre o que para eles são as disciplinas escolares e suas próprias vidas, ratifica ainda mais o sentido – deturpado – atribuído à escola. Nesse caso, o ensino noturno transforma-se no palco dessa divisão, tornando o universo do estudante reduzido às informações midiáticas, sobretudo da TV e da internet. Um alunado que quase sempre encara uma jornada de oito horas antes de chegar à sala de aula não consegue ter um bom rendimento em relação aquilo que lhe é apresentado no currículo escolar. Todo o conhecimento que lhe é proporcionado, ainda que na melhor das hipóteses seja pensado nas suas especificidades, tem pouca articulação com seu próprio mundo e não é utilizado como ferramenta no dia-a-dia, tampouco como forma de apreciar criticamente sua realidade.

Essa questão passa por uma discussão conflituosa sobre o papel da escola: sua função social enquanto responsável pelo desenvolvimento intelectual. Mas o sentido dessa divisão está presente, também, nos demais níveis e turnos em que a escola funciona. O conhecimento, de um modo geral, é compreendido pelos estudantes como algo transcendente às suas próprias vidas.

A questão que se coloca é que a realidade do aluno do noturno nem sempre é compatível com aqueles que frequentam os demais períodos ou possuem um tempo disponível para os estudos. Às vezes a simples presença na escola não é capaz de cumprir nem mesmo as parcelas mais relativas que os outros turnos desempenham, nem de preparar, ainda que em parcelas isoladas e pequenas, para um possível ingresso na universidade.

É no Ensino Médio que o adolescente, mesmo aquele que já trabalha, começa a idealizar questões sobre seu futuro profissional. Nesse caso a escola transforma-se em um artifício utópico no modo de planejar o futuro. Assim, entre as respostas dadas pelos alunos sobre os motivos de estudar no período noturno, há uma divisão entre trabalhar para adquirir experiência e estudar para ter um bom emprego e um futuro melhor. De que forma? Essa é ainda uma questão aberta, não por tentativas, mas por falta de meios.

Nesse sentido, há uma contradição não percebida pelos alunos: as carreiras profissionais que eles arquitetam não se relacionam com seus atuais empregos e a escola é apontada como fraca e insuficiente para conseguir um bom resultado no vestibular. A solução imediata entre o trabalho e a escola, que possibilita concluir o ensino médio e ao mesmo tempo trabalhar — “para se ter independência como é posto em várias respostas” — não é encarada como insuficiente e comprometedora do futuro. No geral, flutuam num presente que parece não ter forças. Objetivos idealizados e reproduzidos por uma cultura oral que tenta dar subsídio à justificação de si mesmo e à sua presença tanto no trabalho quanto na escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CARVALHO, Célia Pezzolo de. **Ensino Noturno**: realidade e ilusão (6º ed.). São Paulo: Cortez Editora, 1989.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História & Ensino de História** (2ºed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** (44º ed.) Editora Paz e Terra, 2005.

GONSALVES, Lia Rodrigues ; PASSOS, Sara Rosinha Martins; PASSOS, Álvaro Mariano dos.

—Novos rumos para o Ensino Médio Noturno: como e por que fazer? In: **Ensaio: aval, político e público**. Rio de Janeiro, Educ, v. 13, nº 48, pp. 345-360, jul./set. 2005

SOUZA, Sandra Zákia; OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **Ensino médio noturno: democratização e diversidade**. Educar, Curitiba, n. 30, p. 53-72, 2008. Editora UFPR